

Ciclofaixa para quê? Um passeio pela malha viária das ruas de Belém do Pará

Bike lane, what for? A ride through the road network of Belém, Pará

Mayara Feitosa Teodoro¹

Mestre - PPGSA-IFCH-UFPA

email: mftems@gmail.com – orcid: <https://orcid.org/0009-0008-8245-2145>

Luísa Maria Silva Dantas²

Doutora - PPGSA-IFCH-UFPA

email: luisadantas@ufpa.br – orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0267-2778>

DOI 10.5281/zenodo.14541467

Apresentação

Em 2024, a cidade de Belém ostenta cerca de 160km de malha cicloviária, resultado de políticas de mobilidade implementadas desde os anos 1990, e, pelo compromisso do prefeito Edmilson Rodrigues (Psol, 2021-2024), em transformar a capital paraense na “capital nacional das bicicletas” (Observatório da bicicleta³, 2020). No entanto, durante a pesquisa de mestrado, “Bicicleta, mobilidades e itinerários em Belém/Pará” (Teodoro, 2024), foi possível notar que essa infraestrutura se concentra nas áreas centrais, assim como possui problemas de estrutura e de uso. Afinal, para quê/quem (bicicleta, moto, carro, andantes, corredores, carroceiros e outros) a malha viária é destinada? Como ela é usada?

Para além dessa problemática, as ciclofaixas que existem chamam atenção devido a problemas estruturais – quando apagadas, deixam de existir para quem circula com carro e moto, o que resulta em diversos desrespeitos. Em Belém, a malha viária é tão inclusiva

¹ Mestre em Antropologia (PPGSA/UFPA); Discente do Curso de Especialização em Tutoria EaD (UFMS); Bacharel em Ciências Sociais (UNIFAP).

² Doutora em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS).

³ Ver mais em:

<<https://observatoriodabicicleta.org.br/prefeito-edmilson-rodrigues-promete-fazer-de-belem-a-capital-nacional-das-bicicletas/>>

que, aparentemente, ela serve para todos. Essa afirmativa pode ser vista, ou melhor, não vista, pois, as ações da secretaria responsável por fiscalizar a malha viária, a Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana de Belém (SEMOB), em nossa perspectiva, são quase inexistentes. Ciclofaixas e ciclovias são frequentemente desrespeitadas, invadidas por carros e motos, obstruídas por lixo e entulho, e até mesmo apagadas, tornando-se invisíveis para motoristas. Adicione-se a isso a circulação de pedestres e carroceiros, resultado das calçadas em péssimo estado. Apesar de Belém ser apontada como uma possível “capital nacional das bicicletas”, por ser plana e ter condições climáticas favoráveis para pedalar, ainda é um cenário desafiador e exige coragem para andar de bicicleta na cidade.

Ao observar essa realidade sob a perspectiva de quem pedala, recorreremos a Roberto DaMatta (1997), que aponta para a ambiguidade das leis e normas no Brasil, pois a “ordem” convive com a “desordem”, e o “respeito” se mistura com o “jeitinho”. A ciclofaixa, nesse contexto, torna-se um espaço de disputa, no qual a luta por direitos se confronta com a cultura da transgressão e a busca por vantagens individuais. A gravidade da situação é ilustrada por dados alarmantes: em apenas dez meses de 2023, o desrespeito a ciclistas resultou em 215 acidentes e 7 mortes no trânsito de Belém, de acordo com notícias divulgadas em janeiro de 2023, no jornal *O liberal*⁴.

Os altos índices de acidentes envolvendo ciclistas que, muitas vezes, resultam em ferimentos graves ou até mesmo em mortes, mostram a precariedade da segurança cicloviária em Belém. A falta de sinalização adequada, a infraestrutura cicloviária deficiente e o desrespeito às leis de trânsito criam um cenário preocupante para quem opta pela bicicleta como meio de transporte. A ciclofaixa deveria ser um local seguro para pedalar, mas quando ela falha, parece que, se continuarmos assim, Belém se tornará a pior capital do Brasil em termos de segurança e estrutura para quem pedala.

Considerando o contexto no qual este estudo foi construído, lhes convidamos a passear conosco por algumas ruas da cidade de Belém, para olharmos a situação de algumas ciclofaixas da malha cicloviária. Mayara chegou em Belém com uma mala de roupas, uma caixa de livros, uma bicicleta e um sonho, em 2022 para cursar o mestrado em antropologia no PPGSA. Neste período, por não conhecer a cidade de Belém, o que se tornara seu campo de pesquisa, vivenciou o seu corpo como um “devir errante” pela cidade, assim como proposta por Paola Jacques (2006), que vê no erro a experiência urbana. Foram nesses percursos que Mayara memorizou a cidade daquela época, em fotografias.

⁴ Ver mais em:

<https://www.oliberal.com/belem/desrespeito-a-ciclistas-gera-acidentes-e-mortes-no-transito-em-belem-1.678499>.

Experimentar ser um corpo “errante”, permitiu que a atenção se voltasse para os movimentos e percursos realizados, em vez de se prender a “representações gráficas, planificações ou projeções” (Jacques, 2006, p. 118). Paola caracteriza o urbanista errante como aquele que experimenta a cidade de dentro, sem a necessidade de representações vistas de cima, como um mapa. Essa abordagem, aliada à técnica da observação flutuante de Colette Pétonnet (1982), nos permitiu estar atentas às diversas formas de ocupação da paisagem, às nuances das interações sociais e às tensões presentes (Eckert e Rocha, 2013, p. 13).

Eckert e Rocha (2013), em suas pesquisas, retomam a figura do flâneur de Walter Benjamin, aquele que caminha pela cidade sem compromisso ou destino fixo, e a aplicam ao contexto do campo. E se expandir a figura do flâneur para incluir aquela que pedala? Em “A invenção do cotidiano”, Michel de Certeau (1994) concebe a cidade como um palco dinâmico, onde tensões sociais, conflitos e imprevistos se desenrolam, e, constrangimentos. Para ele, o espaço urbano é moldado pelas práticas e vivências de seus habitantes, que o transformam por meio de suas apropriações e ocupações.

A bicicleta, como símbolo de uma mobilidade ativa e sustentável, desafia o modelo hegemônico do automóvel e questiona a distribuição desigual do espaço urbano. Pedalar na cidade se torna um ato de reivindicação, o que nos lembra as reflexões de Henri Lefebvre (2001) sobre o “direito à cidade”, que defende o espaço urbano como um bem comum, que deve ser acessível a todos. Apesar disso, os estudos com e sobre a bicicleta em Belém têm mostrado as contradições da cidade, as tensões entre a lei e a prática, a ordem e a desordem, o respeito e a transgressão.

Apesar de ser um transporte sustentável e eficiente, a bicicleta ainda enfrenta dificuldades para se consolidar como opção segura em Belém. A falta de respeito às ciclovias e ciclofaixas, que são frequentemente invadidas, utilizadas para estacionamento irregular ou ultrapassagens perigosas, cria um ambiente hostil e inseguro para os ciclistas, desencorajando seu uso cotidiano. A reportagem “Número de multas por transitar na ciclofaixa aumenta mais de 100% em Belém em 2023” de Gabriel Pires (2024) expõe essa realidade, por revelar as infrações mais comuns: carros estacionados em ciclofaixas, motoristas dirigindo perigosamente próximos aos ciclistas, o uso das ciclofaixas como “atalho” e o descarte de lixo nesses espaços.



1. Ciclofaixa como lixeira a céu aberto

Ciclofaixa entre a Avenida Pedro Álvares Cabral e a Rua Dr. Freitas. Autora: Mayara Teodoro.
04/2024.

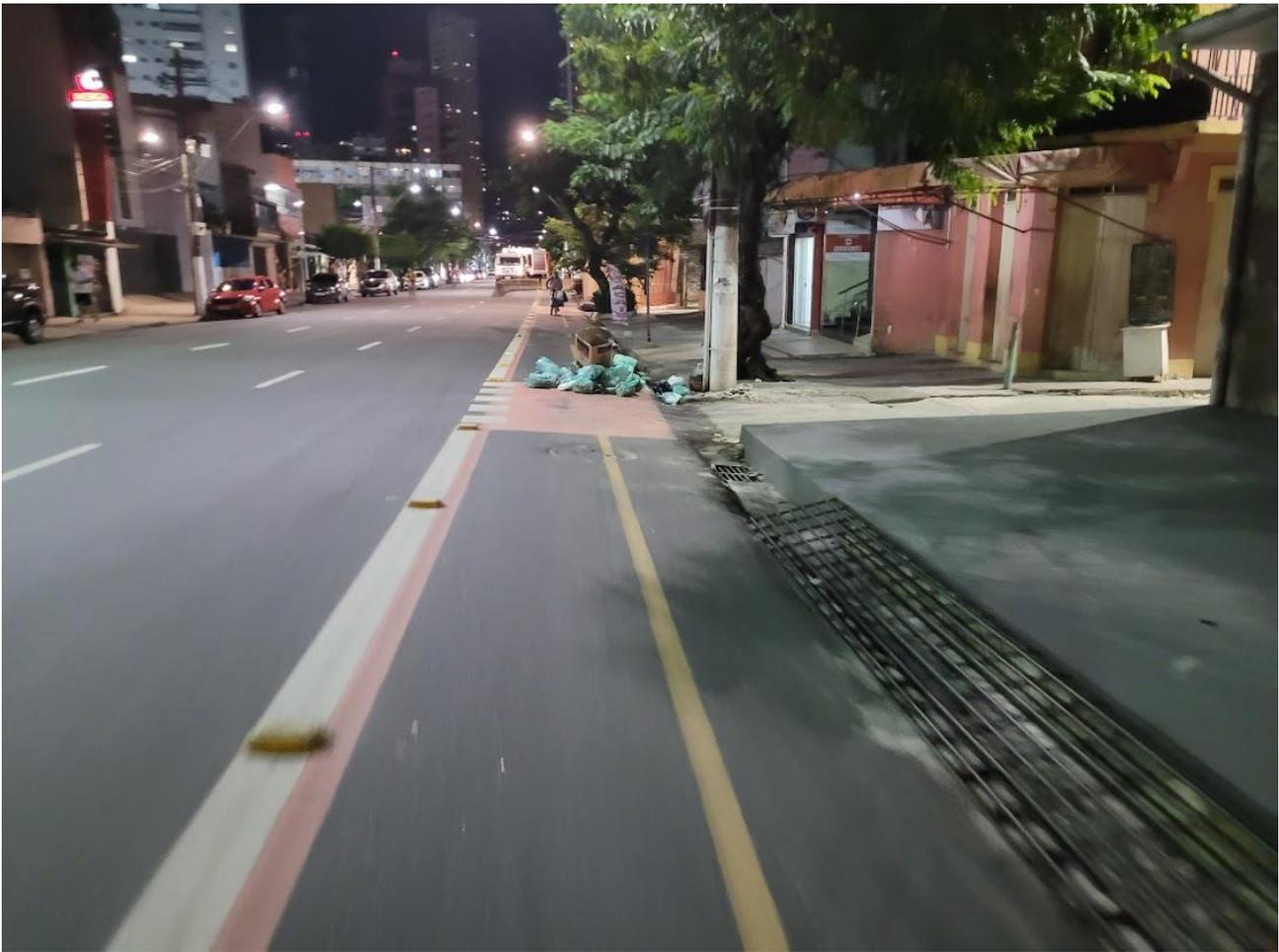
Para todos verem: A imagem mostra uma rua urbana com tráfego. Há um grande acúmulo de lixo jogado no meio da via. O lixo inclui sacos plásticos, restos de materiais diversos e outros resíduos. À esquerda, um carro de cor prata está trafegando, e ao fundo há um grupo de pessoas andando de bicicleta. No lado direito, um poste está visível com sinais de desgaste. O lixo está em cima da ciclofaixa, ela e a calçada parecem mal conservadas com rachaduras e buracos. O cenário transmite descuido com a limpeza urbana e a infraestrutura local. Ao fundo, há estabelecimentos comerciais e veículos estacionados. A cena mostra um problema de descarte irregular de resíduos que impactam a mobilidade de quem pedala de bicicleta nesta ciclofaixa.



2. Ciclofaixa como lixeira a céu aberto

Ciclofaixa da Av. Senador Lemos, bairro Umarizal. Autora: Mayara Teodoro. 05/2024.

Para todos verem: A imagem mostra uma rua urbana com tráfego aparentemente leve. No lado esquerdo, há uma loja com a fachada grande, uma pedestre na calçada, uma árvore ocupa parte da mesma calçada com cabos elétricos cruzando seus galhos, uma motocicleta está estacionada próxima à árvore. Na pista, à direita, há uma ciclovia delimitada por uma faixa vermelha. Na ciclofaixa, há uma pilha de lixo composta por sacos plásticos, folhas de árvore e outros detritos. O trânsito inclui carros e um ônibus em movimento. O céu está limpo e ensolarado, a foto foi tirada no período da manhã. A cena mostra um problema de descarte irregular de resíduos que impactam a mobilidade de quem pedala de bicicleta nesta ciclofaixa.



3. Ciclofaixa como lixeira a céu aberto
Ciclofaixa da Rua dos Mundurucus, bairro Cremação.
Autora: Mayara Teodoro. 01/2023.

Para todos verem: A imagem mostra uma rua urbana à noite, iluminada por postes de luz e luzes de estabelecimentos ao fundo. No lado esquerdo, há uma via para veículos com múltiplas faixas de rolamento, aparentemente vazia. No lado direito, observa-se uma ciclovia segregada, demarcada por uma linha vermelha e barreiras baixas para separá-la da via principal. Entretanto, a ciclovia está obstruída por sacos de lixo empilhados, o que indica o uso inadequado do espaço. Também é possível notar árvores alinhadas próximas à calçada e fachadas de edifícios residenciais e comerciais. Ao fundo, veem-se prédios altos e um ônibus trafegando na rua. A cena mostra um problema de descarte irregular de resíduos que impactam a mobilidade de quem pedala de bicicleta nesta ciclofaixa.



4. Ciclofaixa para uso particular

Ciclofaixa entre a Avenida Pedro Álvares Cabral e a Passagem Mucajá, bairro da Sacramento. Autora: Mayara Teodoro. 02/2024.

Para todos verem: A imagem mostra uma cena urbana durante o dia. No lado esquerdo, há uma loja, com fachada grande e placas que indicam serviços, como farmácia para pets. Ao lado, algumas bicicletas estão estacionadas na calçada. No centro da imagem, destaca-se uma ciclofaixa pintada de vermelho, onde há um carro estacionado irregularmente, obstruindo o espaço destinado aos ciclistas. Além disso, cones de sinalização estão dispostos de forma irregular, indicando uma possível obra ou intervenção na área, mas que também ocupam parte da ciclofaixa. Ao fundo, um posto de gasolina exibe os preços dos combustíveis, com veículos estacionados e em movimento na rua. O céu está azul com nuvens brancas. A cena mostra um trânsito aparentemente calmo, mas também mostra problemas de uso indevido do espaço público, com a obstrução da ciclofaixa.



5. Ciclofaixa como embarque e desembarque de passageiros

Ciclofaixa da Rua dos Mundurucus, bairro Cremação. Autora: Mayara Teodoro. 04/2023.

Para todos verem: A imagem mostra uma rua urbana com tráfego moderado e algumas características relevantes. No lado esquerdo da imagem, há um poste com uma placa indicando a proibição de circulação de bicicletas, situada próxima a uma calçada. A calçada apresenta uma superfície irregular, com pedras soltas, e é acompanhada por edifícios comerciais, incluindo um edifício com fachada. Na via, há uma ciclovia delimitada por uma linha vermelha, embora um carro vermelho esteja estacionado de maneira irregular sobre ela. Ao lado desse carro, outro veículo cinza está parado na pista de rolamento. No fundo, observa-se uma paisagem urbana com edifícios altos e céu parcialmente nublado. Também é possível ver um ciclista trafegando na rua, à direita da imagem, onde há outros veículos estacionados. O contexto sugere uma problemática em relação ao uso inadequado do espaço destinado aos ciclistas, contrastando com a sinalização presente.



6. Ciclofaixa como embarque e desembarque de passageiros II
Ciclofaixa da José Bonifácio, bairro São Brás. Autora: Mayara Teodoro. 09/2023.

Para todos verem: A imagem mostra uma rua urbana durante o dia, com tráfego moderado e diversas pessoas utilizando diferentes meios de transporte. À esquerda, há uma via para veículos, onde é possível ver carros e motocicletas em movimento, além de um ônibus ao fundo. No lado direito da imagem, há uma ciclovia segregada, delimitada por uma linha vermelha e barreiras físicas baixas. A ciclovia está sendo utilizada por ciclistas; em primeiro plano, há uma pessoa pedalando. Mais à frente, um motociclista parado na calçada, conversando com uma mulher. Na calçada ao lado da ciclovia, há árvores grandes que fornecem sombra, além de um bicicletário com algumas bicicletas estacionadas. Observa-se também a fachada de comércios, incluindo um estabelecimento. A cena reflete o uso compartilhado e, em alguns casos, irregular do espaço público, além da infraestrutura voltada para ciclistas sendo parcialmente respeitada.



7. Entulho na ciclofaixa

Entulho na ciclofaixa em rua do centro de Belém/PA. Autora: Mayara Teodoro. 06/2024.

Para todos verem: A imagem mostra uma rua urbana em um dia parcialmente nublado, com o céu parcialmente claro. À esquerda, há uma calçada onde é possível observar lixo acumulado próximo ao meio-fio, incluindo sacos plásticos, papelão e outros detritos. Além disso, observa-se lixo espalhado pela ciclofaixa, que se encontra ao lado da calçada, o que indica um descuido no descarte adequado de resíduos. Há postes com fiação elétrica visíveis em ambos os lados da rua, e a via é ladeada por edificações que incluem comércios, casas e um prédio alto ao fundo, que se destaca no horizonte. No lado direito, há carros estacionados organizadamente ao longo da calçada, enquanto algumas pessoas caminham pela rua e um carro trafega pela pista. A cena mostra um cenário urbano que evidencia problemas no manejo de resíduos e manutenção da infraestrutura, especialmente no que diz respeito à limpeza e preservação das áreas públicas, como calçadas e ciclofaixas.

Considerações finais

Este ensaio, ao acompanhar os itinerários da pesquisa de mestrado “Bicicleta, mobilidades e itinerários em Belém/Pará” (Teodoro, 2024), lançado por Mayara Teodoro sob orientação de Luísa Dantas, buscou um olhar antropológico sobre a infraestrutura cicloviária de Belém, compreendendo as práticas, os usos e as disputas que se manifestam nesse espaço urbano. A partir da experiência de Mayara Teodoro como um “devir errante” pela cidade, inspirado nas reflexões de Paola Jacques (2006), utilizou a observação flutuante de Colette Pétonnet (1982), assim, foi possível apreender parte da complexidade

da relação entre ciclistas, a infraestrutura cicloviária e os demais atores que compõem o cenário urbano belenense.

As imagens apresentadas, capturadas entre 2022 e 2024, durante o período da pesquisa de mestrado de Mayara, mostram uma das problemáticas centrais deste estudo: a malha cicloviária de Belém, apesar dos investimentos e do discurso de torná-la a “capital nacional das bicicletas”, apresenta sérios problemas estruturais e de uso. As ciclofaixas, em vez de espaços seguros e exclusivos para ciclistas, frequentemente se transformam em lixeiras a céu aberto, estacionamentos irregulares, áreas de embarque e desembarque de passageiros, depósitos de entulho e até mesmo desaparecem quando a sinalização se apaga. Essa realidade contradiz a proposta de uma mobilidade urbana sustentável e segura, e expõe a fragilidade da política pública e a falta de fiscalização efetiva por parte da SEMOB.

É crucial destacar que as imagens apresentadas neste ensaio foram capturadas sem edição, por meio de um aparelho celular *Samsung SM-G780G*, como parte integrante da pesquisa de mestrado de Mayara Teodoro (2022-2024). A posição de Mayara no momento da captura das imagens era na condição de ciclista, ao vivenciar a cidade como um “devir errante”, conforme proposto por Jacques (2006), ou seja, experimentando a cidade em movimento, a partir da perspectiva de cima da bicicleta, integrando corpo e espaço numa experiência direta e imersiva. “De dentro e de fora”, assim como proposto por José Magnani (2002), que, ao discutir a etnografia urbana, enfatiza a importância de transitar entre a imersão no campo e o distanciamento analítico. A experiência “de dentro”, pedalando pelas ruas, permitiu a Mayara vivenciar as dificuldades e contradições da infraestrutura cicloviária na pele. O olhar “de fora”, proporcionado pela orientação de Luísa Dantas e pela reflexão teórica, possibilitou a análise crítica dessa experiência e a compreensão das dinâmicas sociais que a envolvem. Essa imersão no campo, possibilitada pela prática do ciclismo, sob o olhar da antropologia urbana permitiu um olhar mais atento e sensível às nuances do cotidiano e às diversas formas de apropriação do espaço urbano.

A análise dessas imagens à luz das teorias de Roberto DaMatta (1997), Michel de Certeau (1994) e Henri Lefebvre (2001) nos permite compreender a dinâmica conflituosa que permeia o espaço urbano. A ambiguidade das leis e normas, apontada por DaMatta, se manifesta no desrespeito constante às ciclofaixas, onde a “ordem” idealizada coexiste com a “desordem” das práticas cotidianas. A cidade, como palco dinâmico descrito por Certeau, revela as tensões e os conflitos entre os diferentes atores sociais que disputam o espaço, transformando-o por meio de suas apropriações e ocupações. Nesse contexto, a bicicleta, como símbolo de mobilidade ativa, desafia a hegemonia do automóvel e explicita a desigualdade no acesso e no uso do espaço urbano, ecoando as reflexões de Lefebvre sobre o “direito à cidade”.

Os dados alarmantes de acidentes envolvendo ciclistas, somados à precariedade da infraestrutura e ao desrespeito às leis de trânsito, denunciam a urgência de ações efetivas para garantir a segurança cicloviária em Belém. Assim, a pesquisa mostra que a cidade, apesar de suas características geográficas e climáticas favoráveis ao uso da bicicleta, ainda oferece um ambiente hostil e inseguro para quem opta por esse meio de transporte. A reportagem de Gabriel Pires (2024) sobre o aumento das multas por trânsito em ciclofaixa reforça essa constatação, evidenciando a persistência das infrações e a necessidade de uma fiscalização mais rigorosa.

Em conclusão, este estudo, ao combinar a experiência etnográfica com a análise teórica e iconográfica, contribui para o debate sobre mobilidade urbana, direito à cidade e as relações entre infraestrutura, práticas sociais e conflitos no espaço público. A situação das ciclofaixas em Belém não é apenas um problema de infraestrutura, mas um reflexo de questões sociais, ambientais, culturais e políticas mais amplas, que exigem um olhar atento por parte dos gestores públicos, da sociedade civil e da academia. Urge repensar as políticas de mobilidade urbana, priorizando o transporte ativo e sustentável, que garanta a segurança dos ciclistas e promova uma cidade mais justa e inclusiva para todos. A transformação de Belém em uma verdadeira “capital nacional das bicicletas” depende não apenas da construção de ciclovias, mas, principalmente, da promoção de uma cultura de respeito e convívio no espaço público.

REFERÊNCIAS

Damatta, Roberto. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

De Certeau, Michel. *A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

Eckert, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Cidade e Memória: Etnografias da Duração*. São Paulo: Annablume, 2013.

GEIPOT - Empresa Brasileira de Planejamento de Transportes. *Planejamento Cicloviário Diagnóstico Nacional*. Ministério dos Transportes, 2001. Disponível em: <http://www.ta.org.br/site2/Banco/7manuais/PlanCicDiagNac.pdf>. Acesso em: 02 jun 2023.

Jacques, Paola B. *Elogio aos Errantes: a arte de se perder na cidade*. Henri Jendy y Paola Berenstein. *Corpos e cenários urbanos. Territórios urbanos e políticas culturais*, p. 117-139, 2006.

Lefebvre, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

Magnani, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista brasileira de ciências sociais*, v. 17, p. 11-29, 2002.

Pétonnet, Colette. *Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense*. Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia, n. 25, 1982. Disponível em: <https://www.lemetro.com.br/s/Observaco-flutuante.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2023.

Pires, Gabriel. *O número de multas por transitar na ciclofaixa aumenta mais de 100 em Belém em 2023*. O liberal. Disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/numero-de-multas-por-transitar-na-ciclofaixa-aumenta-mais-de-100-em-belem-em-2023-1.788126>. Acesso em: 04 ago. 2024.

Teodoro, Mayara F. *Bicicleta, mobilidades e itinerários: pensando o fazer urbano de mulheres que pedalam em Belém/Pará*. Dissertação de mestrado em Antropologia. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. Belém: UFPA, 2024.

Financiamento

Esta pesquisa foi financiada pela CAPES, através do edital do Programa de Ações Afirmativas na Pós-Graduação (PAF-PG), nº 14/2022 da Propesp/UFPA, com vigência até fevereiro de 2024.

Data de envio (Recebido) 10 de outubro de 2024

Aceito em 13 de dezembro de 2024